

sessão regular em 35 mm.  
4 a apresentação  
1967 - Maio - 30  
cine casino  
20 horas

cine clube de botucatu

## «GRANDE CIDADE»

Direção e roteiro — Carlos Diegues  
Argumento — Carlos Diegues e Leopoldo Serran  
Fotografia — Fernando Duarte  
Música — Zé Ketí  
Montagem — Gustavo Dahl  
Intérpretes: — Leonardo Vilar, Anecy Rocha, Antonio Pitanga, Joel Barcelos, Zé Ketí, Maria Lucia Dahl, Arnaldo Jabor, Gustavo Dahl, David Neves, Luisa Maranhão.

Produção — Mapa — Luiz Carlos Barreto  
Distribuição — Difilmes  
Rio de Janeiro — Junho de 1966  
80 minutos.

Também intitulado **AS AVENTURAS E DESVENTURAS DE LUZIA E SEUS TRES AMIGOS CHEGADOS DE LONGE**, é a história da moça Luzia que vem do interior a procura do noivo. Este, um revoltado para quem o «ódio se mistura ao amor, e só a morte muda», aderiu ao crime e tornou-se um dos mais perigosos bandidos que infestam as favelas. Uma versão cinematográfica de «Promessinha», «Carra de Cavalo», ou «Mineirinho» — mas que tem consciência do mal que faz. Na sua procura, Luzia conhece Inácio, jovem de atitudes primitivas, ingênuo mas humano. E, todos eles estão ligados por Calunga, espécie de arlequim musical, o que faz rir para sobreviver, legítima vocação de palhaço simpático, é quase o narrador do filme

Não sendo uma produção cara, a Grande Cidade é um exemplo de cinema fácil de assistir, com um ritmo rápido e saudável. O filme que representou o Brasil no ultimo festival de Veneza atinge um clima quase musical e é dotado de um

sentido bastante poético, ou melhor dizendo — é um protesto poético. Tem um sabor de crônica leve sem cair num popularesco repetitivo. Ao mesmo tempo, uma definição mais ampla se faz sentir; é o drama de milhões de brasileiros retirantes que chegam às periferias das grandes cidades, matéria prima do marginalismo e da prostituição.

A comunicabilidade de a Grande Cidade deve-se ao fato de ser um filme vital e ágil, com um diálogo incisivo e simples e no qual a mobilidade dos atores é importante, especialmente Leonardo Vilar e Antonio Pitanga — este último inteiramente descontraído. As belezas do Rio são captadas pela fotografia exata de Fernando Duarte e Dib Lufti, sem requintes de pseudo — bom gosto e onde os exteriores banhados pelo forte sol guanabarrino sempre superam os escurecidos interiores. Mas talvez o ponto alto da fita esteja na montagem rápida de Gustavo Dahl, que faz com que tudo deslize livremente, sem maiores impecilhos. A trilha sonora é variada e agradável como a própria cidade do Rio.

Bem mais feliz do que em sua estréia — «Ganga Zumba» Carlos Diegues prova que o Brasil é uma fonte inesgotável de bons temas, sendo dispensada e pouco inteligente a tendência a impor idéias sobre o nada ou o não sei o que, das quais o próprio cinema europeu já se cansou há muito tempo. O cinema nacional é hoje uma indústria em progresso porque superou as questúnculas formalísticas ou politiquieiras, que faziam a glória de alguns provincianos inoperantes. Agora basta de preconceitos. Ouçamos Carlos Diegues: — «Eu não acredito na comunicação como uma camisa de força a qual nos dispomos a vestir antes da obra. Mas de nada adianta ser entendido se não se tem nada a dizer».

Em suma: — dotado de poesia e violência, a Grande Cidade é um dos bons filmes nacionais dos ultimos tempos, justamente por ser um dos mais despretenciosos.

PAULO RAMOS

OTIMO

REGULAR

consulta eletiva do C. C. B.

após retirar um dos cantos  
deposite esta CEDULA numa das  
urnas à saída

BOM

MAU